

JORNAL ⁰¹ SEMESTRAL - DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

ARTE MIREDE

JUNTOS.MAIS FORTES

TEATROS ASSOCIADOS

PROGRAMAÇÃO 13 DE MAIO
A JULHO

SANTAS DE ROCA
ARTE COMUNITÁRIA EM ALCANENA

CATARINA VAZ PINTO - ENTREVISTA

SANTAS DE ROCA



A CULTURA É UMA RESPONSABILIDADE DE TODOS

A Artemrede – Teatros Associados foi criada tendo como **missão** “promover a qualificação e o desenvolvimento da actividade cultural dos seus membros, através da conjugação dos projectos locais e da cooperação intermunicipal no quadro de um desenvolvimento concertado” (Plano Estratégico da Artemrede, 2008).

Assumindo-se como um projecto com um forte **enraizamento no território**, a Artemrede visa o **desenvolvimento social e comunitário** e afirma-se com um espaço de criação de um sentido de pertença local e regional. Esta identidade contribui para o desenvolvimento do bem-estar económico e social das populações que dinamiza e a quem propõe um espaço de reflexão e de recriação de alternativas, numa dimensão prospectiva.

A oferta de serviços culturais da Artemrede, ao longo destes oito anos de vida, tem propiciado um **acesso local à cultura** como dimensão intrínseca à vida dos nossos dias e das nossas populações contribuindo para fixá-las, suscitando nelas um sentimento de pertença.

Com uma **programação diversificada** qualifica e tece relações cada vez mais profundas com o pulsar do quotidiano dos públicos, indo desta forma ao encontro de todos os que assim vivenciam e criam relações com a cultura local.

Tendo em linha de conta a missão da Artemrede será bom recordar que **a cultura é uma responsabilidade** que tem a ver com todos e a todos mobiliza.

O homem é um ser cultural porque produz e procura conhecimento na

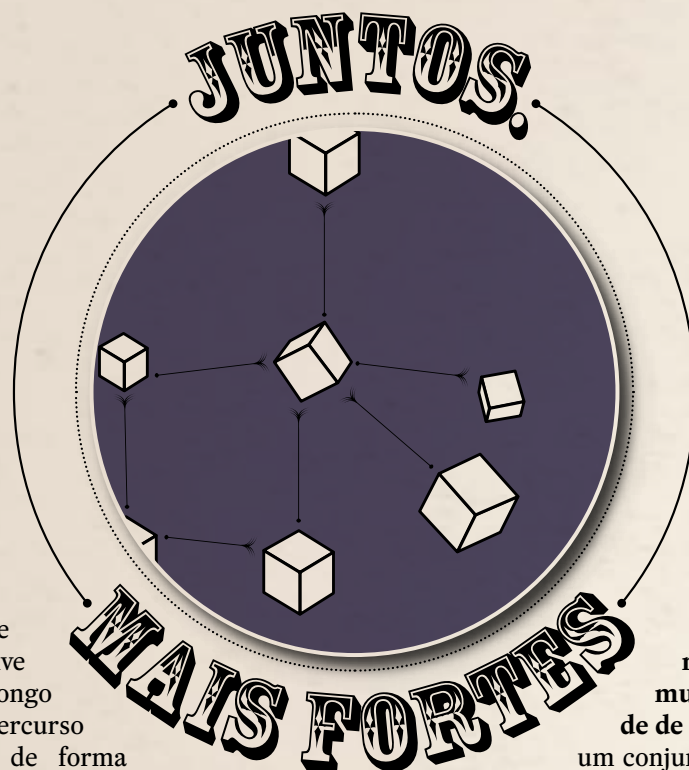
sociedade em que vive e ao longo do seu percurso constrói de forma sustentada teias de conhecimentos que o colocam num patamar de criação e de desenvolvimento que mede a sua capacidade de se relacionar e afirmar como um **ser único e solidário**.

Olhar para o conhecimento que hoje o homem atingiu é mais do que nunca perguntar pela sua capacidade de criar trabalhando em rede. **A rede** para lá de veículo de transmissão é ainda meio de **cuidar e sustentar a criatividade** bem como fórmula única de **partilha e cooperação**, onde a riqueza de cada um é posta ao serviço de todos e as fragilidades de uns são superadas pelo apoio de todos.

As parcerias revelam-se assim processos de difusão cultural e de sustentáculo de uma qualidade sempre superada e com metas exigentes. A agenda cultural do poder local assenta pois numa aproximação às populações o que lhes permite vivenciar uma realidade cultural rica e plena de desafios ao serviço de uma cultura.

A Artemrede proporciona este trabalho em parceria, de onde resulta a certeza do caminho, pois acreditamos que **“juntos somos mais fortes”**.

António Sousa Matos
Presidente da Direcção



Uma rede é uma multiplicidade de caminhos, um conjunto infinito de possibilidades de es-

colha e de parceria; é a capacidade de estabelecer consensos, de ver o outro lado sem perder a visão do nosso. Construir uma rede é um trabalho diário, permanente, na procura das linhas que unem os vários pontos, na tentativa de encontrar esse todo que é maior do que a soma das partes, na confiança de se estar a alcançar algo maior e melhor apesar do esforço e para lá dos projectos individuais.

A Artemrede tem demonstrado que é possível unir realidades distintas, congregar esforços em torno da promoção de um **bem comum: as artes e a cultura**. Durante os seus oito anos de existência tem apoiado os seus Associados na dinamização dos teatros e de outros equipamentos culturais de que são proprietários, através do acesso a uma **programação diversificada, qualificante**, assente nas **linguagens contemporâneas**, mas sem perder de vista as **identidades culturais locais e regionais**.

Na prossecução da sua missão, a **formação de públicos** adquire um papel preponderante, através de uma sólida e continuada relação com as **escolas**, mas também pela promoção de projectos em que o envolvimento da comunidade local é simultaneamente um pilar basilar da criação artística e uma via de comunicação com o público. É o caso da produção da Artemrede para 2013,

ESSE TODO MAIOR QUE A SOMA DAS PARTES

Santas de Roca (nome provisório), da coreógrafa Costanza Givone, que partiu de um intensivo laboratório com um grupo de mulheres de Alcanena e que será apresentado em seis teatros associados. Além deste espectáculo, a **programação de Maio a Julho** é plena de propostas de qualidade nas diversas áreas artísticas e que percorrem o vasto território de actuação da Artemrede, um imenso, díspar e surpreendente território!

Uma rede é constituída pelas vontades que engloba, pelas pessoas que nela se movimentam e que a transformam através das suas acções. São elementos fundamentais ao seu desenvolvimento e, por isso, a **formação profissional** dos técnicos, programadores, dirigentes, autarcas e de todos os mediadores municipais no processo de planeamento e gestão cultural é um dos eixos estratégicos da missão da Artemrede, que este ano retomará os planos de formação que tem vindo a promover desde 2008.

É assente nestes dois eixos fundamentais da sua actividade – **programação e formação** – e promovendo uma **cultura de rede forte, coesa e dinâmica**, que a Artemrede desenvolve a sua intervenção e enfrenta, aliada aos seus Associados, os áspersos tempos em que vivemos, na certeza de que **a cultura é um bem essencial na construção da cidadania**.

Marta Martins
Directora Executiva

FICHA TÉCNICA

Proprietário * Artemrede
Director * António Sousa Matos
Editora * Marta Martins
Coordenação de Conteúdos
Nádia Sales Grade | Wake Up!

Design e foto de capa
Guda - give u design art
Tiragem * 70 000
Periodicidade * Semestral

Tipografia
Lisgráfica - Impressão e Artes
Gráficas, S.A.
Este jornal segue a norma ortográfica antiga da língua portuguesa.

Capa:
Santas de Roca dos séculos XVII/XVIII, propriedade do Museu de São Roque / Santa Casa da Misericórdia

A actual vereadora da cultura da Câmara Municipal de Lisboa (CML), Catarina Vaz Pinto, foi uma das protagonistas do processo de criação da Artemrede, que teve início em 2003. Em entrevista ao jornal Artemrede, Catarina Vaz Pinto conta-nos como foi criar a associação, lança ideias sobre as prioridades de uma política cultural autárquica e fala-nos da sua acção enquanto vereadora.

Qual foi o seu envolvimento na Artemrede?

A Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional de Lisboa e Vale do Tejo (CCDR-LVT) encomendou um estudo à Quaternaire Portugal, a empresa de consultoria onde eu trabalhava na altura, sobre os equipamentos culturais existentes na Região e a possibilidade de criar parcerias tendo em vista a sua dinamização. Este momento coincidiu com o investimento feito na reabilitação e reconstrução de equipamentos culturais municipais, nomeadamente em teatros e cine-teatros, realizado com fundos comunitários. Estes espaços estavam prontos a abrir e era muito importante que ganhassem vida própria com uma programação cultural regular. No início não existia a intenção de criar a Artemrede ou algo semelhante.

Como surgiu então a ideia de criar uma rede?

Começámos por fazer um trabalho de sensibilização com as 51 câmaras que compunham a região de Lisboa e Vale do Tejo, com o objectivo de formar os autarcas, directores de departamentos e responsáveis de serviços ao nível da implementação de uma política cultural autárquica. Para alguns vereadores tudo era novidade. Não tinham as ferramentas necessárias para os problemas que estes novos equipamentos colocavam. Criámos um manual que explicava que missão devem ter os teatros municipais e com que tipo de orçamento devem trabalhar, foi um processo de aprendizagem muito importante para todos. Depois de um ano e meio de trabalho, a então vereadora da cultura de Santarém, teve a ideia de criar uma rede que tornasse viável a programação nos vários teatros municipais. Cada Câmara pagaria uma quota, em função da sua dimensão geográfica, como contrapartida nacional aos fundos comunitários que a rede conseguiria angariar e tornaria assim financeiramente viável a programação.

Sentiu alguma resistência da parte das câmaras municipais na adesão a esta ideia pioneira?

Estávamos à espera que só 8 ou 10 câmaras aderissem, mas tivemos na origem 16 câmaras interessadas. Ficámos espantados pois eram todas de quadrantes políticos diferentes, foi uma abordagem supra-partidária das políticas culturais. Estávamos de facto a responder a uma necessidade das autarquias e avançámos então em Janeiro

de 2005 para a criação da Artemrede. Os municípios envolvidos ganharam competências culturais com a Artemrede e mudaram muito desde então.

O que tornou a Artemrede interessante para as autarquias aderentes?

Foi possível promover o acesso à cultura localmente e de uma forma muito pedagógica e próxima das populações. Os programadores das autarquias estiveram envolvidos na selecção da programação desde o

leitura e a manutenção das bibliotecas. E, sobretudo, lutar para que a sua população tenha acesso à diversidade cultural. Em Lisboa esta questão não se coloca pois há teatros municipais, nacionais e independentes que garantem uma diversidade da oferta. Mas em cidades mais pequenas é necessário ter uma atitude mais pedagógica na forma de pensar a programação, há um processo de aprendizagem para a cultura que é longo.

O papel dos teatros municipais mudou



“ESTÁVAMOS À ESPERA QUE SÓ 8 OU 10 CÂMARAS ADERISSEM, MAS TIVEMOS NA ORIGEM 16 CÂMARAS INTERESSADAS. FICÁMOS ESPANTADOS POIS ERAM TODAS DE QUADRANTES POLÍTICOS DIFERENTES, FOI UMA ABORDAGEM SUPRA-PARTIDÁRIA DAS POLÍTICAS CULTURAIS.”

segundo ano da Artemrede, o que tornou a oferta muito equilibrada e diversificada. Juntas, as câmaras tinham a capacidade económica para programar espectáculos nacionais e internacionais. É o recurso à economia de escala.

O espectáculo *Vale*, de Madalena Victorino, exemplifica muito bem o que é o espírito da Artemrede. Foi uma produção própria da Artemrede, criada com artistas profissionais e amadores de cada uma das localidades por onde o espectáculo passava. A música para este espectáculo foi composta por Carlos Bica, mas também integrou uma banda de jovens semi-profissionais, que tocavam em grupos locais, para acompanhar o espectáculo. Era um misto de envolvimento das populações com artistas profissionais, o que trouxe para o espectáculo um público muito maior, os amigos, os familiares... Criou-se também, a partir deste projecto, uma grande cumplicidade com os teatros de cada local, com as equipas, com o público...

Quais devem ser as preocupações principais, hoje em dia, de um vereador da cultura, em especial num município de pequena ou média dimensão?

Deve lutar pela sua existência, em primeiro lugar! Pelo seu orçamento, defender a recuperação do património, o acesso à

ao longo dos tempos? Qual considera ser o futuro destes espaços?

Muitos destes teatros nasceram nos anos 40, 50, como cine-teatros onde se via cinema ou teatro de revista, num tempo em que não existia a televisão, a internet, os concertos ao ar livre. A noção de tempo livre mudou, o mundo mudou muito e os meios de acesso à cultura também. Hoje é mais difícil chamar as pessoas ao teatro. É importante que os cine-teatros e auditórios não programem só teatro e que ofereçam uma programação diversificada. Para além destas dificuldades, houve falta de planificação na requalificação destes teatros, é por vezes exagerado o número de teatros em funcionamento face à população e à proximidade dos concelhos. Criou-se um problema de insustentabilidade à partida, que a crise torna agora mais evidente. A chamada Lei dos Compromissos e as restrições impostas às empresas municipais também vão tornar a vida dos teatros muito mais complicada.

“EM CIDADES MAIS PEQUENAS É NECESSÁRIO TER UMA ATITUDE PEDAGÓGICA NA FORMA DE PENSAR A PROGRAMAÇÃO, HÁ UM PROCESSO DE APRENDIZAGEM PARA A CULTURA QUE É LONGO.”

Trabalhar em rede é uma solução para as dificuldades com que as autarquias actualmente se confrontam?

Existe cada vez mais uma consciência da necessidade de trabalhar em rede, não só nas autarquias da Artemrede, como em Lisboa. No ano passado, por exemplo, várias instituições culturais de Lisboa juntaram-se para apresentar o programa Artista na Cidade. Convidámos a Anne Teresa de Keersmaeker que veio a Lisboa dar a conhecer as 13 obras mais marcantes do seu repertório. A coreógrafa nunca teve oportunidade de apresentar a sua obra desta forma e nenhuma das instituições envolvidas teriam, sozinhas, capacidade para investir numa programação destas. As redes vão existir cada vez mais, nuns casos vão ser formais, noutros informais. No caso da Artemrede, por lidar com os municípios em questão, tinha de ser uma rede formal, senão seria difícil chegar aos resultados a que se chegou. A Artemrede contempla um território vastíssimo, é mais difícil articular os pontos de vistas, tem que haver um núcleo, uma estrutura permanente dedicada a isso.

Que consequências têm tido as reduções drásticas dos orçamentos para a cultura?

Lisboa mantém alguma vitalidade graças aos esforços de todas as instituições, através de programas conjuntos ou mais criativos. Mas 2013 vai ser um ano decisivo para percebermos que apoios vão existir e quais as consequências da falta de subsídios. Na CML estamos a fazer tudo para manter os apoios e para trabalhar mais em rede, até mesmo entre organismos como a Direcção Municipal de Cultura e a EGEAC, que há uns anos atrás estavam mais desarticulados em termos de acção. Temos tido iniciativas como a Casa do Cinema, que reúne hoje, num triplex em pleno Bairro Alto, as várias associações que organizam festivais de cinema na capital.

Deixa uma marca política, em jeito de balanço de final de mandato?

O programa *Biblioteca XXI*, por exemplo, que tem por objectivo criar uma rede de bibliotecas territorialmente equilibrada e pensada em função do novo paradigma: a cultura da proximidade. Estas bibliotecas vão ser pequenos centros culturais de proximidade, que não só vão promover e dinamizar a leitura, como também vão estar inseridos na comunidade, ao acolherem as associações e a programação dos bairros. E ainda uma “mini” Artemrede para as freguesias de Lisboa, nomeadamente para as que estão mais afastadas do centro histórico e que não têm um acesso regular à cultura. A primeira iniciativa deste projecto foi o programa *Sons pela Cidade* que fez chegar a música a todas as freguesias de Lisboa.



SANTAS DE ROCA



**ARTE COMUNITÁRIA
EM ALCANENA**

PRODUÇÃO ARTEMREDE

Santas de Roca, nome ainda provisório para o espectáculo que estreia a 6 de Julho em Alcanena e que vai passar também por Abrantes, Barreiro, Montijo, Oeiras e Palmela, é um projecto de arte comunitária que está a ser desenvolvido desde o início de 2013 pela Artemrede. O projecto, da autoria e direcção artística de Costanza Givone,

contou com um laboratório inicial e continua agora com uma residência artística intensa que durará até à estreia do espectáculo.

O projecto pretende explorar o papel da mulher na sociedade contemporânea, aprofundando as analogias e as diferenças, o passado e o presente, a memória e o esquecimento e, por fim,

as contradições que estão hoje presentes no imaginário feminino. O teatro, a dança, as artes plásticas e a música são as principais áreas artísticas em contacto nesta criação, que vai começar na rua com uma procissão e acabar dentro de um teatro.

Inspirado no papel que as Santas de Roca desempenharam nas procissões da Idade Média (ver caixa), e na forte presença feminina nestes rituais, o espectáculo tem como referência o ambiente psicológico que se impõe na espiritualidade, seja numa igreja ou numa procissão, contrapondo a forma como se viviam antes e como se vivem hoje os espaços e acontecimentos religiosos.

Na procissão estará presente a protagonista desta criação artística: uma Santa de Roca contemporânea, construída por João Calixto como uma marioneta desmontável de 2,5 m que, a dada altura, vai desarticular-se e desfazer-se em pedaços. Cada uma das mulheres levará consigo parte desta Santa como símbolo da fragilidade feminina, caracterizado pelo corpo destrozado da escultura-mulher, e como metáfora da força de um grupo de que todas fazem parte.

Costanza Givone revela desde a génese do projecto a sua principal inspiração musical: a obra de João Aguardela. O cantor, músico e compositor português que, entre outros projectos, integrou as bandas Sitiados, Linha da Frente e A Naifa, é ainda o autor de *Megafone*, um álbum onde a pesquisa da relação entre tradição e modernidade está muito presente. A música de João Aguardela será integrada num tape-te sonoro criado pelo *sound designer* Rui Gato que também integrará as vozes das mulheres e as músicas que elas ouvem.

O projecto começou em Março com um workshop de voz e corpo, ao longo de quatro fins-de-semana, com um grupo de mulheres de Alcanena. O workshop tinha um duplo objectivo: por um lado, desenvolver as competências artísticas das mulheres que nele

participaram e, por outro, ser um laboratório para a criação artística da coreógrafa Costanza Givone. Ao longo do workshop, a coreógrafa, com o apoio das bailarinas Inês Tarouca e Rafaela Salvador, criou uma relação profunda, baseada na troca de experiências e competências, com esta comunidade de mulheres. Gravou as suas vozes e memorizou as suas histórias, que vão contribuir, no seu todo ou em parte, para a criatividade do espectáculo.

AS MULHERES DE ALCANENA

Não se conheciam bem antes de participarem no workshop, mas hoje são um grupo de mulheres unido pela força de um trabalho desenvolvido em conjunto. Com idades entre os 27 e os 78 anos, as mulheres que participaram no workshop de Alcanena gostam todas de partilhar experiências e crescer com essa partilha.

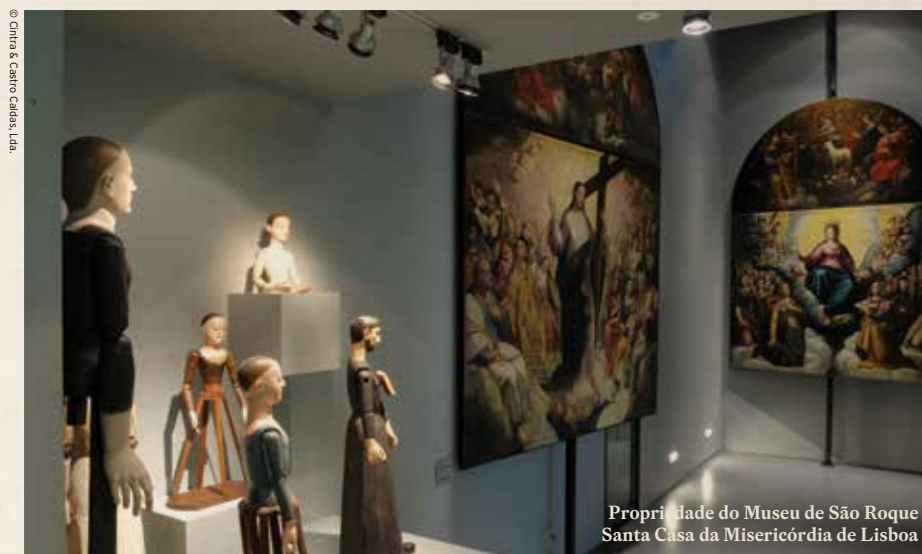
“Trabalhamos muito juntas” diz Aida Costa, 62 anos, técnica de turismo e cultura da Câmara Municipal de Alcanena. Já não é a primeira vez que Aida Costa participa num projecto da Artemrede, pois fez parte do espectáculo *Vale*, de Madalena Victorino, em 2009. Mas quando acorda aos sábados e domingos para participar neste workshop sabe que vai sempre aprender mais. Já Mariana Ganaipo, 27 anos, educadora de infância, aderiu a este projecto porque queria trabalhar o movimento e a colocação de voz: “Dou sobretudo importância à intimidade que se cria entre as várias mulheres que aqui se encontram”.

Isabel Lobo, 56 anos, professora aposentada, sente que enriquece o seu ser a cada minuto que passa. Isabel trouxe para o workshop a sua mãe, Emília. Com 78 anos, a costureira de profissão reconhece que é a primeira vez que participa numa iniciativa des-





© NADIA SALES GRADE



© CINTO & CINTO CARRAS, LDA.

Propriedade do Museu de São Roque
Santa Casa da Misericórdia de Lisboa



© GUDA - give u design art

tas mas que, por ter muito tempo livre actualmente, sente naquele espaço um verdadeiro preenchimento: “Precisamos destes convívios quando vivemos sozinhas”, diz.

Fátima Abreu, 29 anos, técnica do Projecto Ocupacional no Cine-Teatro S. Pedro, afirma: “O mais interessante é que, por termos várias faixas etárias, trazemos pontos de vista muito diferentes a um tema.” É ainda importante para esta mulher descobrir a religião e a forma de se relacionar com pessoas que perdeu fisicamente. Sofia Frazão, 35 anos, delegada comercial, procurou sobretudo aprofundar o conhecimen-

to sobre si própria observando as outras mulheres e apercebendo-se que existem outras formas de pensar para além da dela.

“Somos mais libertas quando estamos só entre mulheres, conseguimos brincar com a religião e a sexualidade, somos menos contidas.” Maria João Rodolfo, 43 anos, micro-biologista, gosta sobretudo da dinâmica que se cria entre mulheres. E remata apontando o que são as problemáticas femininas recorrentes do grupo: “Apesar de termos idades e experiências diferentes, há um fio condutor entre nós: todas nos queixamos da falta de tempo, do

isolamento que sentimos na vida e do nosso défice de afectos.”

SANTAS DE ROCA

Os Santos e Santas de Roca surgiram entre o século XVI e o século XVII na Península Ibérica, já sob a influência barroca. Inspirando-se no teatro de marionetas, a igreja adoptou estas imagens por terem uma forte carga dramática e por serem facilmente transportáveis em procissões. São

imagens feitas a partir de uma base articulada de madeira em que se apoiam a cabeça, as mãos e os pés, as únicas partes da estrutura que ficam visíveis. O resto do corpo da imagem era coberto com trajes ricos e exuberantes.

★ RELIGIÃO? HUM! COISA DE MULHERES, COISA PARA MULHERES! ★

Religião? Coisa de mulheres? Sim, coisa de mulheres. Fios tecidos por mulheres. Retratos de mulheres vivas. Cada uma delas, única, singular, e, no entanto, plural, complexa, com luzes e sombras, defeitos e virtudes. Cada uma delas única na sua história, mas sinalizando o caminho de muitas comunidades e de uma comunidade só: a humana, à procura de Deus. Sara, Rebeca, Raquel, Lia, Tamar, Miriam e as mulheres em torno de Moisés, Ana, mulheres sem nome: a mulher siro-fenícia, a mulher adúltera, a mulher que derrama perfume sobre a cabeça de Jesus. Marta, Maria, Maria Madalena, Maria, mãe de Jesus. Uma genealogia imperfeita, impossível, e, contudo, uma linha, um fio, uma inspiração – um apelo à revelação do Deus totalmente Outro e próximo, o Deus da Vida, que as inspira a fazer sobreviver a vida, mesmo quando os homens “tentam privá-las desse poder, pela indiferença ou desconfiança em relação a elas” (como diz Sylvie Germain). Dispostas a recorrerem a estratégias perigosas, mulheres que, ainda nas suas palavras, “não recuam diante de nenhum obstáculo”, mulheres para as quais “nem o medo, nem o escândalo, nem a vergonha desvia do caminho que traçaram”, mulheres que levam a sua decisão até ao fim, “apesar da lei”, que pode, por vezes, mostrar-se tão

iníqua, tão violenta, mortal”, porque “a Vida está à frente de tudo”. Mulheres que intercedem junto de Deus, que apelam ao cumprimento das Suas promessas, que esperam contra toda a esperança. Mulheres com corpo. Todas as histórias de mulheres colocam o corpo como um elemento central nos acontecimentos: ele está no cerne da maternidade, da sedução e do ciúme, do amor e da ternura, do repouso e do trabalho, da dor e da alegria e também da fé. Múltiplos retratos de mulheres: na primeira linha da esperança, na primeira linha da dor, na primeira linha da crença, na primeira linha da transmissão do fio que liga a história à eternidade, a morte à vida, a razão ao coração. No tempo: fiando um fio de memórias e de futuros com os quatro cantos do mundo na boca, presentes nas paragens onde só alguns se atrevem a parar, mártires entre os mártires, desobedientes entre os desobedientes – dando corpo à religião, religando o passado ao futuro, acendo a luz que as precede, acreditando num “Deus de pequenas e grandes coisas”, daquelas que se lhes agarram à pele e ao corpo, desenhando o mapa de quem são, em relação com aqueles que amam.

★ RELIGIÃO? HUM! COISA DE MULHERES! ★

Teresa Toldy

Professora da Universidade Fernando Pessoa e investigadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, onde coordena o POLICREDOS (Ob-

servatório sobre A Política da Diversidade Cultural e Religiosa na Europa do Sul). Presidente da Associação Portuguesa de Teologias Feministas





EM CENA

ENTREVISTA A MIGUEL SEABRA

DIRECTOR DO TEATRO MERIDIONAL

Na sinopse do espectáculo *O Sr. Ibrahim e as Flores do Corão* refere que “este é um texto sobre a escolha de caminhos e a importância da amizade”. Foi uma escolha simbólica para assinalar os 20 anos do Teatro Meridional?

Sim, foi uma escolha reflectida e assumida. Começa por haver nesta opção uma condição indispensável para um artista trabalhar bem: o entusiasmo! Desde o primeiro contacto que tive com aquelas palavras, em 2007, que senti que um dia iria ter a oportunidade de as partilhar com o público. Depois porque nesta história existem vários factores e acontecimentos que têm muita proximidade com a própria

história artística e humana do Teatro Meridional: o multiculturalismo, os caminhos que se descobrem caminhando, o facto de ser uma grande história sobre a amizade e a tolerância, uma viagem iniciática, a opção cénica permite o contacto directo com o público, a existência de música ao vivo e o facto de ser um espectáculo assente no desempenho do actor, uma das características principais da nossa identidade artística. Recordo que o primeiro espectáculo do TM foi o *Ki Fatxiamu Noi Kui* (1992), uma pergunta que ainda hoje nos acompanha enquanto processo de reflexão artística.

O percurso do Teatro Meridional assenta numa ideia de interculturalidade. O texto de Eric-Emmanuel Schmitt fala-nos de tolerância e de aceitação do Outro. Como vê a importância e actualidade desta mensagem nos tempos duros que vivemos?

Estamos a atravessar um momento muito particular da história de Portugal, da Europa e do Mundo. Sente-se uma inquietação latente em todos os sectores da sociedade e as pessoas que têm a responsabilidade de governar, os políticos, estão a revelar-se uma grande desilusão, uma desilusão transversal a toda a sociedade precisamente porque não cuidam nada do essencial: das pessoas e da sua dignidade. Este texto centra a sua identidade precisamente na história de duas pessoas de idades diferentes, provenientes de países e culturas diferentes, com cre-

dos distintos mas cuja capacidade de relacionamento ultrapassa todas essas distâncias e diferenças. E as pessoas em geral estão a precisar, mais do que nunca, de reedificar a sua auto-confiança enquanto seres humanos e de voltar a acreditar que sonhar não só é possível, como é indispensável para a nossa sobrevivência enquanto espécie. Acredito que este texto tem todo esse manancial amoroso bem à vista e partilhado de uma forma muito inteligente por parte do autor.

O espectáculo foi eleito pelo público do 29º Festival de Teatro de Almada como Espectáculo de Honra 2013. Tem tido uma itinerância muito intensa, dentro e fora do país, com recepções calorosas da crítica e do público. Como encara este sucesso, com uma peça tão simples, uma encenação despojada e onde, acima de tudo, se conta uma bela história?

Este texto é efectivamente muito especial. A história flui tranquilamente como um rio que, sem deixar de ser inquieto tem uma estrutura dramática absolutamente envolvente do ponto de vista emocional, ou seja, o gráfico desta viagem é tão rico e amplo – vai do sorriso ao espanto, da lágrima à gargalhada, da comoção ao puro divertimento – que, de uma forma subtil e quase inevitável, o público cria grande empatia com a história do pequeno Moisés e do Sr. Ibrahim.

Já não é a primeira vez que o Teatro Meridional colabora com a Ar-

temrede. Este ano o *Sr Ibrahim e as Flores do Corão* vai ser apresentado em oito dos teatros associados. O que espera desta digressão?

O TM completou duas décadas no ano passado. Foram 20 anos de um percurso artístico que tem na itinerância uma das suas principais características. Para além de anualmente realizarmos um circuito de itinerância nacional, já apresentámos os nossos trabalhos em 20 países e nos 5 continentes. Portanto, existe um nível de experiência bastante sólido e diversificado, e o que posso dizer em relação a esta parceria com a Artemrede é que o nível de implicação será o mesmo de sempre, ou seja, total, e que tenho uma enorme expectativa em perceber como este texto é escutado e recebido por parte das populações dos municípios da Artemrede. Gostava ainda de conseguir perceber e sentir qual a importância do teatro para as pessoas e tentar contribuir, juntamente com o excelente músico que é o Rui Rebelo, através desta história maravilhosa, para que cada pessoa saia do teatro com a alma mais leve e a sentir que sonhar e acreditar nos Homens e na sua generosidade vale muito a pena.

Passatempo O Sr. Ibrahim e as Flores do Corão
Para ganhar um convite duplo para o espectáculo *O Sr. Ibrahim e as Flores do Corão* apresente este Jornal numa das bilheteiras dos teatros onde o mesmo será apresentado integrado na Programação Artemrede (consultar agenda nesta página).

Passatempo válido para as primeiras 3 pessoas que apresentarem o Jornal Artemrede e sujeito à lotação da sala.

DE MAIO

PROGRAMAÇÃO 13

A JULHO

NA BARRIGA
Moita
SAB 4 Mai | 15h30 e 17h
Fórum Cultural José Manuel Figueiredo

Santarém
SAB 1 Jun | 17h
Teatro Sá da Bandeira

REVELAÇÃO
Barreiro
SAB 4 Mai | 21h30
Auditório Municipal Augusto Cabrita

Palmela
SEX 10 Mai | 21h30
Cine-Teatro S. João

SOLOS
Oeiras
SAB 4 Mai | 21h30
Auditório Municipal Eunice Muñoz

O SR. IBRAHIM E AS FLORES DO CORÃO
Moita
SEX 10 Mai | 21h30
Fórum Cultural José Manuel Figueiredo

Oeiras
QUI 23 Mai | 21h30
Auditório Municipal Ruy De Carvalho

Sobral de Monte Agraço
SEX 31 Mai | 21h30
Cine-Teatro Sobral de Monte Agraço

Palmela
SEX 12 Jul | 21h30
Cine-Teatro S. João

DENTRO DAS PALAVRAS
Montijo
SAB 11 Mai | 21h30
Cinema-Teatro Joaquim d' Almeida

Sobral de Monte Agraço
SEX 22 Jun | 21h30
Cine-Teatro Sobral de Monte Agraço

LA LIGNE DE VIE
Santarém
SAB 18 Mai | 21h30
Teatro Sá da Bandeira

LA FRANÇAISE
Palmela
SAB 18 Mai | 21h30
Igreja de Santiago/Castelo de Palmela

A NOVA BAILARINA
Santarém
QUI 23 Mai | 14h
Teatro Sá da Bandeira

Barreiro
DOM 26 Mai | 15h30
Auditório Municipal Augusto Cabrita

CHORAR E SECAR
Sesimbra
SAB 1 Jun | 21h30
Cinetatro João Mota

QUEM SOU EU?
Palmela
SAB 1 Jun | 10h30
Centro Cultural do Poceirão
SAB 1 Jun | 15h30
Casa das Expressões Fantasiarte

O BAILE DOS CANDEEIROS
Oeiras
QUI 6 Jun | 21h
Palco 2 - Jardim Municipal

TRAVA OU DESTRAVA LÍNGUAS
Oeiras
SAB 8 Jun | 11h30
Auditório Municipal César Batalha

ANDRÉ CARVALHO QUINTETO
Sobral de Monte Agraço
SAB 15 Jun | 21h30
Cine-Teatro Sobral de Monte Agraço

BOM APETITE
Oeiras
DOM 30 Jun | 21h
Auditório Municipal Ruy de Carvalho

SANTAS DE ROCA [nome provisório]
Alcanena
SAB 6 Jul | 21h30
Cine-Teatro S. Pedro

Palmela
SAB 20 Jul | 21h30
Cine-Teatro S. João

★ Crianças e Jovens ★ Teatro ★ Dança ★ Oficinas
★ Artes Circenses ★ Artes de Rua ★ Música

ROTEIRO ARTEMREDE, CULTURA E LAZER NUM SÓ FIM-DE-SEMANA!

Locais a visitar

OS ASSOCIADOS DA ARTEMREDE SÃO MUNICÍPIOS QUE, COM O APOIO DA ASSOCIAÇÃO, CONSEGUEM MANTER VIVA A CULTURA DE UMA VASTA REGIÃO, QUE VAI DO DISTRITO DE SETÚBAL AOS DISTRITOS DE LEIRIA E SANTARÉM. APROVEITE OS NOSSOS ESPECTÁCULOS (VER AGENDA NA PÁGINA 6) COMO PRETEXTO PARA PASSAR UM FIM-DE-SEMANA “FORA CÁ DENTRO”... DA ARTEMREDE.

DESCUBRA OS SEGREDOS DA VILA DE OEIRAS

Ao fim-de-semana descubra com amigos ou família o Parque dos Poetas, um espaço com múltiplos jardins temáticos que acolhem estátuas de grandes figuras da poesia portuguesa de diversas épocas. Almoce ao ar livre, no parque de merendas, enquanto os mais pequenos usufruem das diversas actividades relacionadas com desporto e cultura realizadas no recinto.

Aproveite também para caminhar pelo Passeio Marítimo de Oeiras até ao posto de aluguer de bicicletas, junto ao Centro da Juventude e divirta-se fazendo o resto do percurso a pedalar. Para um refresco final, aventure-se a mergulhar na Piscina Oceânica de dois planos, alimentados pela água do mar! Ao fim do dia, delicie-se com as iguarias locais, jantando num dos restaurantes que encontra no Porto de Recreio ou, se estiver mais inspirado, visite o afamado Rio's.

Oeiras apresenta uma oferta variada de alojamento, para passar o fim-de-semana num concelho perto de Lisboa e com mar, como o Hotel Solar Palmeiras, na antiga mansão da Condessa de Cuba, projectada em 1899 pelo arquitecto José Luís Monteiro.

Onde dormir?

Hotel Solar Palmeiras

Av. Marginal, Curva dos Pinheiros
2780-749 Paço de Arcos
Contactos: 214 468 300
www.solarpalmeiras.com

Hotel Inatel

Alto da Barra – Estrada Marginal
2780-267 Oeiras
Contactos: 210 029 800
www.inatel.pt

Pousada da Juventude

Estrada Marginal (junto ao INATEL)
2780 - 267 Oeiras
Contactos: 214 430 638
www.movijovem.pt

Onde comer?

Praia Caffé



© CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

Praia da Torre, R/C Inferior
2780 - Oeiras

Contactos: 214 658 420
praiacaffe@netcabo.pt

Rio's

Estrada Marginal, Praia da Torre
2780-267 Oeiras

Contactos: 214 411 324
rios@bholding.com.pt

Restaurantes do Porto de Recreio de Oeiras

Estrada da Torre 2780-267 Oeiras

Mais informações em:

<http://www.cm-oeiras.pt>

Fonte: Câmara Municipal de Oeiras

SOBRAL DE MONTE AGRAÇO NA ROTA DA HISTÓRIA DE PORTUGAL

Para descobrir o património cultural e natural de Sobral de Monte Agraço, explore o Circuito do Alqueidão, integrado na Rota Histórica das Linhas de Torres. Um circuito situado em plena serra do Olmeiro, local de grande beleza, com uma envolvente que o leva a revisitar a história da Terceira Invasão Francesa e a compreender a razão de ter sido um centro estratégico de defesa. Comece a caminhada seguindo os trilhos marcados que levam aos vários fortes que então guardavam a estrada real, que levava à capital, dos franceses. Seguindo pela estrada militar chega ao Forte do Alqueidão, também conhecido com o Grande Reduto de Sobral ou Forte Grande de Serra. Daí, siga o percurso marcado até ao observatório de paisagem e surpreenda-se: a vista alcança o rio Tejo e o Oceano Atlântico, avistando a 1ª e 2ª Linhas de Defesa e várias fortificações representativas da arquitectura militar da época sem paralelo na Europa!

Depois do passeio, propomos um piquenique e merecido descanso no parque de merendas ou, se preferir conhecer a cultura gastronómica local, experimente o restaurante Vilamanjar, cuja ementa é recheada de propostas



© CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL DE MONTE AGRAÇO

elaboradas e tentadoras.

Para passar a noite, procure o Hotel Quinta de S. José, uma antiga casa senhorial setecentista, integrada numa unidade agrícola, rodeada de jardins e árvores seculares, ideal para uma estadia descansada.

Onde dormir?

Hotel Quinta de São José

Largo dos Freixos 2590-274 Freiria,
Sobral de Monte Agraço
Contacto: 261 941 133

Hotel Quinta Salvador do Mundo

Rua do Salvador - Cachimbos 2590-211
Seramena, Sobral de Monte Agraço
Contactos: 261 942 880
<http://www.quintasalvador.com/>

Onde comer?

Restaurante Vilamanjar

Rua Francisco Lázaro
2590-019 Sobral de Monte Agraço
Contacto: 261943170

Mais informações em:

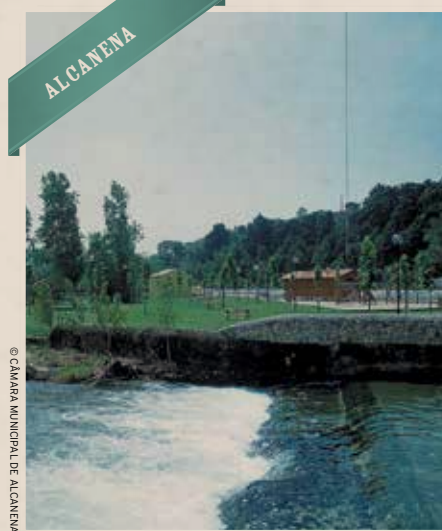
<http://www.cm-sobral.pt/>

Fonte: Câmara Municipal de Sobral de Monte Agraço

VISITE ALCANENA E DESFRUTE DA PAISAGEM ÚNICA DAS SERRAS DE AIRE E CANDEEIRO

Sugerimos um fim-de-semana à descoberta de Alcanena e do Complexo das Nascentes do Alviela. Em pleno Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros, o Complexo das Nascentes do Alviela oferece a aragem fresca que a temperatura nesta região do país tanto pede no Verão.

Dirija-se à praia fluvial dos Olhos d'Água e aproveite a manhã para um percurso pedestre de 1,5 km à descoberta dos caminhos ocultos da Ribeira dos Amiais, um afluente do Alviela, que desaparece no interior de uma rocha. Neste percurso pode apreciar os fenómenos de erosão da rocha calcária (perda, ressurgência, janela cársica, canhão flúvio-cársico), envolvidos por



© CÂMARA MUNICIPAL DE ALCANENA

uma vegetação mediterrânica de características raras no país. Visite o Centro de Ciência Viva Carsoscópio, para assim melhor compreender, de forma estimulante e divertida, os processos geomorfológicos característicos desta paisagem. Neste Centro existe ainda um observatório de morcegos e diversas actividades relacionadas com este pequeno animal tão intrigante.

Almoce no Restaurante Olhos d'Água e experimente iguarias da região para depois passar a tarde na Praia com o mesmo nome, onde as sombras das árvores convidam a uma sesta e o rio atrai para um banho verdadeiramente refrescante.

A região oferece várias opções de alojamento e, para os que gostam de dormir na natureza, o Parque de Campismo e Caravanismo que ali se encontra oferece o alojamento mais próximo deste paraíso terrestre de Alcanena.

Onde dormir?

Parque de Campismo e Caravanismo Olhos d'Água

Louriceira 2380-037 ALCANENA
Contacto: 249891027

Hotel Eurosol em Alcanena

Rua José Afonso - Cabeço do Lavradio
2380-909 ALCANENA
Contacto: 800 206 424
www.eurosol.pt

Onde comer?

Restaurante Olhos d'Água

Praia Fluvial Alviela - Louriceira 2380-450 ALCANENA
Contacto: 249 891 641 / 917 550 371

Restaurante O Malho

Rua Padre Reis, Malhou
2380-537 Alcanena
Contacto: 249 882 781

Retiro dos Pacatos

Rua Esperança 17,
Malhou 2380-514 Alcanena
Contacto: 249 891 696

Tertúlia do Gaivoto

Rua São Vicente 67
2380-418 Louriceira
Contacto: 965 236 972

Mais informações em:

<http://www.cm-alcanena.pt>

Fonte: Câmara Municipal de Alcanena

DESCUBRA QUEM FORAM



Augusto Cabrita
Auditório Municipal do Barreiro

Natural do Barreiro, Augusto Cabrita foi um fotógrafo, director de fotografia e realizador cinematográfico português que esteve desde sempre ligado ao mundo do Grande Espectáculo. Criou como fotógrafo as capas de discos de Amália Rodrigues, Simone de Oliveira, Carlos Paredes e Luís Góis. Em 1957 foi o fotógrafo e realizador que acompanhou oficialmente a visita da Rainha Isabel II a Portugal e mais tarde, na década de 1960, realizou vários documentários para a televisão portuguesa. Estreou-se no cinema como director de fotografia com Belarmino, o célebre filme que retrata a vida do jogador de

boxe português, Belarmino Fragoso, do realizador Fernando Lopes. Premiado em Portugal, Itália e Brasil em diversas ocasiões, Augusto Cabrita deixou um legado de curtas-metragens e livros fotográficos, assim como um estúdio que hoje ainda se encontra em funcionamento, pelas mãos do seu filho, Augusto Cabrita Júnior.

Fonte: Câmara Municipal do Barreiro



Joaquim d'Almeida
Cinema Teatro do Montijo

Joaquim d'Almeida representa ainda hoje uma das personagens mais controversas do teatro português. Nascido a 5 de Outubro de 1838 no Montijo, foi, ainda jovem, deportado pelas autoridades para o norte do país por praticar ofensas à integridade física e desobediência às autoridades. Aos 20 anos estreou-se como actor no Teatro Variedades, em Lisboa, com o espectáculo Lotaria do Diabo. 10 anos depois, tinha já um papel principal na peça Barba Azul, no Teatro da Trindade. Trabalhou com o empresário Francisco Palha no Teatro da Rua dos Condes onde viveu a sua época áurea. Após estes anos de ouro Joaquim d'Al-

meida tornou-se numa figura explosiva da boémia lisboeta, conhecido por ser um pinga-amor e por não saber gerir da melhor forma a sua carreira. Como todos os artistas boémios, teve uma velhice difícil mas conseguiu, em 1910, já aposentado do Teatro Nacional D. Maria II, uma reforma do Governo da República. Faleceu em Lisboa a 22 de Julho de 1921 e em 1957 foi homenageado na inauguração do Cinema-Teatro do Montijo, que leva o seu nome.

Fonte: Câmara Municipal do Montijo e blogue Bancada Directa (artigo da autoria de Salvador Santos)

juntos.mais fortes
ARTEMREDE

© ARTEMREDE . Teatros Associados
Palácio João Afonso,
Rua Miguel Bombarda, nº 4 R/C,
2000-080 Santarém

T +351 243 322 050
T +351 243 321 878
Fax +351 243 326 092
E artemrede@artemrede.pt.

www.artemrede.pt
https://www.facebook.com/artemrede.teatros.associados

Agradecimentos

Profª Drª Teresa Toldy / POLICREDOS // Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra; Museu de São Roque / Santa Casa da Misericórdia; Municípios de Alcanena, Barreiro, Montijo, Oeiras e Sobral de Monte Agraço

Projecto co-financiado



Associados



Assessoria de Comunicação e Imprensa



Design Gráfico do Jornal

